

COLECIONAR E ORGANIZAR

A historiadora Ana Maria de Almeida Camargo contribuiu para expandir o leque de documentos catalogados em arquivos

Diego Viana

As paredes do apartamento da historiadora Ana Maria de Almeida Camargo, no bairro paulistano dos Jardins, eram cobertas de livros do chão até o teto, a tal ponto que os vizinhos se incomodaram: queixaram-se de que tanto peso bibliográfico poderia comprometer as fundações do edifício. Contrariada, a professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) reagiu à altura.

“Ela ficou possessa. Dizia: ‘São meus livros que dão lastro a esse prédio’”, relata o historiador José Francisco Guelfi Campos, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que foi orientando de Camargo da iniciação científica ao doutorado, todos pela USP. “Por fim, contratou um engenheiro estrutural para fazer um laudo”, completa Campos. Os livros continuaram em seu lugar. A biblioteca era um dos grandes orgulhos de Camargo, que morreu em São Paulo em 24 de setembro, aos 78 anos, em decorrência de problemas cardíacos.

São numerosas as instituições de memória cujos documentos foram organizados por Camargo ou que recorreram a sua consultoria. Entre os que receberam atenção prolongada constam, por exemplo, o Arquivo Histórico de São Paulo, a Fundação Fernando Henrique Cardoso, o Arquivo Histórico de Moçambique, a Biblioteca Brasileira Guita e José Min-

dlin, da USP, e, recentemente, o arquivo da atriz Cláudia Wonder (1955-2010) no Museu da Diversidade Sexual, na capital paulista.

Na década de 1980, Camargo fez parte do projeto “Brasil: Nunca mais”, que denunciou abusos cometidos pela ditadura militar (1964-1985). Foi também uma das fundadoras da Associação de Arquivistas de São Paulo, conselheira do Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) e membro do comitê diretor do Conselho Internacional de Arquivos.

A bibliotecária Johanna Wilhelmina Smit, da Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP), ressalta a parceria que Camargo manteve com a historiadora e bibliotecária Heloísa Bellotto (1935-2023) ao longo de quatro décadas (*ver Pesquisa FAPESP nº 326*). Juntas, desenvolveram a partir de 1986 o curso de especialização arquivística do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), que foi um dos principais centros de formação na área em São Paulo. Além disso, Camargo, Bellotto e Smit tiveram a iniciativa de criar o Sistema de Arquivos da USP.

O *Dicionário de terminologia arquivística* (AAB-SP, Secretaria de Estado da Cultura e Departamento de Museus e Arquivos, 1996), escrito por Camargo e Bellotto, tornou-se obra de referência para profissionais do setor em todo o Brasil. “Esse trabalho é um divisor de águas, porque resulta de duas décadas em que elas atuaram juntas, sistematizando o

uso dos conceitos que tornam um arquivo inteligível”, avalia a historiadora Silvana Goulart, que realizou uma série de projetos com Camargo. Em 2014, publicaram *Centros de memória: Uma proposta de definição* (Edições Sesc), e desde o ano passado trabalhavam na criação do Centro de Memória da FAPESP.

A trajetória da historiadora está vinculada à USP desde a graduação, entre 1963 e 1966. Ela foi uma das assistentes da historiadora Emília Viotti da Costa (1928-2017), aposentada compulsoriamente pelo regime militar em 1968. Camargo se viu então subitamente forçada a substituí-la, tornando-se professora da universidade. Em 1970, tornou-se diretora da Hemeroteca Júlio de Mesquita, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), que foi a base de sua tese de doutorado, também na USP. Defendido em 1976, o trabalho com quase 2 mil páginas, divididas em 10 volumes, catalogou o acervo do IHGSP.

Camargo dedicou-se ao estudo da imprensa e foi responsável por edições fac-símiles de periódicos do século XIX, como a *Revista Dramática* (Edusp, 2007). “São reproduções extremamente bem cuidadas, que exigiram um enorme trabalho de pesquisa. Ela foi procurar os números que faltavam, para obter a série completa, com a melhor qualidade possível de reprodução”, relata Campos.

A historiadora era separada e não deixa filhos. ■



Camargo em 2018, durante seminário no Instituto de Estudos Avançados da USP